

(OBRA Coletiva: *Justiça restaurativa, cidadania e meio ambiente: um diálogo entre Brasil, Estados Unidos, Canadá e Espanha*. Caxias: Ed. da UCS / *Governors State University* (Chicago), 2015.)

Círculos Dialógicos e Simbólicos: resgate da natureza e do corpo social conflitivo

Marcelo L. Pelizzoli¹

Resumo

Neste texto relatarei experiências vividas a partir de 2005 pela região Nordeste brasileira em cursos circulares pedagógicos e de resolução de conflitos ministrados com base em dimensões restaurativas que criei e na CNV. Vamos apresentar a estrutura e os passos do modelo metodológico/pedagógico utilizado. O público-alvo dos cursos são, em primeiro lugar, gestores na área ambiental – incluído aqui ecologistas, trabalhadores agrários, unidades de conservação, movimento dos Sem-terra, membros de instituições ambientais governamentais, e representantes de empresas (usinas da cana-de-açúcar, em especial). No segundo momento, relatarei em especial o modelo de círculo simbólico-ecológico que inclui os aspectos naturais arquetípicos como base para qualquer compreensão do sentido de crescimento dos sujeitos como seres vivos e em relação. O modelo simbólico do círculo, não obstante, é usado em contextos variados, com foco no que se chama dimensão ambiental. Uso-os também constantemente em sala de aula de modo pedagógico.

I – Diálogo para além do conflito

A acolhida

Os cursos circulares iniciam com algum tipo de abertura/acolhida, seja com a apresentação de vídeos sensibilizadores, como por exemplo, um vídeo em que bebês riem constantemente; ou também, iniciam com músicas para animar e congregar os participantes, os quais não podem *a priori* ser considerados como um *grupo*, com coesão. A música cantada em conjunto tem uma função de coesão para além do aspecto racional do aprendizado. A acolhida (ou a abertura, na linguagem de Kay Pranis) é fundamental nesta proposta, pois possibilita o caminho para o trabalho com dilemas éticos, geralmente de difícil acesso devido a questões pessoais e emocionais não acessadas nem trabalhadas. O facilitador pode assim perguntar quanto ao contexto e *motivação* de cada um estar onde está, podendo relacionar-se ao sentido que dá a este encontro, ou ao sentido que dá ao seu trabalho.

Talvez o ponto mais fundamental das acolhidas e aberturas de encontro de grupo, em especial falando-se das tecnologias psicossociais que utilizo, seja a possibilidade de ali abrir um *campo*, no sentido do campo sistêmico ou dos campos mórficos que vão ativar o trabalho de cuidado com as questões/conflitos humanas subjacentes². Quando este campo energético-emocional subjacente não é percebido, o trabalho teórico e consciente corre riscos de não ingressar na profundidade da questão/conflito e das necessidades em jogo entre os participantes.

Por conseguinte, uma boa acolhida, por exemplo, com elementos culturais participativos, perfaz um campo mais confortável, esteando um encontro mais coeso e possa lidar com os pesos e conflitos. Na visão de Kay Pranis, precisamos criar um espaço seguro em que as pessoas se sintam com confiança para dialogar com franqueza, trazendo os elementos relacionais difíceis e vulneráveis à tona³.

Apresentação do Professor

Ainda dentro da acolhida, em algumas situações, a apresentação inicial do facilitador é

1 PhD. Pós-doutor em Bioética. Prof. do Mestrado em Direitos Humanos e Mestrado em Saúde Coletiva da UFPE. Coord. do Espaço de Diálogo e Reparação. opelicano@gmail.com

2 Cf. Pelizzoli, 2010 e 2015.

3 Pranis, 2012.

estratégica, tomando a iniciativa de relatar algo significativo de sua história, permitindo tocar em questões pessoais e emocionais, mas fundamentalmente uma história que une luta (ambiental) e motivações, fracassos e sucessos, até chegar ao atual momento de crise ecológica e seus desafios. Cotejar o vivido com as questões políticas, culturais e sociais da atualidade é essencial (a dimensão ambiental tem amplitude e dimensão interdisciplinar), a ponto de muitas vezes o grupo intervir e dar seus exemplos e opiniões já dentro do momento da apresentação do facilitador. Tal apresentação tem também o sentido de quebrar a formalidade e frieza das dimensões puramente técnicas e de conteúdo, e convidar a pensar e sentir os modos e dilemas humanos que estão por trás das interações e escolhas institucionais e sociais; trata-se de enfatizar o *modo* como a relação ou encontro é feito, mais do que o *conteúdo* a ensinar. O professor ou facilitador se permite falar não apenas o que pensa mas sobre o que *sente* diante dos seus desafios e dificuldades. Mais adiante, o grupo é convidado, na discussão sobre dilemas éticos vividos, a pensar (e posteriormente ver o que sente) no que gera o conflito, para com o desenrolar da conversa perceber que não são tanto as diferenças e ideias opostas que são o seu cerne, mas o modo de lidar e vivê-las, o ambiente emocional em jogo, os jogos sistêmicos interpessoais e familiares, e os bloqueios herdados e recriados, e assim as impossibilidades ou *incapacidades para o diálogo* geradas.

O que diz para você a temática dos conflitos ?

Este é o convite metodológico seguinte, ou seja, coloca-se a pergunta: até onde questões de natureza ética, relacional, conflitivas são essenciais na manutenção de qualquer trabalho coletivo, de qualquer conquista de grupo e luta social. Em geral, o retorno obtido é praticamente unânime quanto à crucialidade do tema para o trabalho, e mais ainda para a vida familiar e social. Aliás, este foi um ponto forte nas avaliações dos grupos quanto à proposta em pauta: o tema tocou em questões de gestão de grupos ao mesmo tempo que remeteu à vida social/familiar das pessoas envolvidas.

Outro ponto metodológico que deve ser relatado é a apresentação da proposta passo a passo, do programa e dos procedimentos a serem adotados. Isto introduz o teor participativo, esclarecedor e construtivo do trabalho, ao que os membros podem questionar, sugerir, e sentirem-se mais cômicos e seguros quanto ao que acontecerá. Neste tema em particular, da lógica e da desmontagem dos conflitos, é importante ter a colaboração e a aprovação do grupo no processo, bem como uma boa introdução à proposta, devido às resistências internas sempre presentes. O passo a passo é útil nestes aspectos, pedindo licença e colaboração para tal. E quando o facilitador sabe criar um clima que propicia o surgimento dos fenômenos latentes, tanto do debate das diferenças quanto de um espaço para expressão das insatisfações, mágoas, relações humanas desafiadoras no trabalho, dimensões de maior intimidade por trás da vida dos grupos, abrem-se portas para a compreensão e para a resolução. Esta foi a tônica da experiência vivida nos cursos da AMANE⁴ no Nordeste brasileiro, onde questões desta natureza foram prementes, pois trabalhamos com instituições governamentais, ONGs, movimentos sociais e comunidades organizadas, grupos que conflituam internamente e externamente⁵.

Discussão sobre Ética

Em algumas ocasiões, não temos um conflito sendo vivido entre as pessoas presentes ou no grupo que está montado. Neste sentido, uma das formas de trazer à tona a conflitividade básica que atravessa nossas relações interpessoais, envolvendo valores, crenças e comportamentos, é estimular o debate sobre uma questão ética polêmica ou conflituosa atual.

Podemos trazer um caso de dano ambiental e os dilemas éticos envolvidos, tais como uma notícia de comunidade selvícola que desmatou uma área natural, trazendo um tipo de pretensão choque entre direitos humanos e direito ambiental, por exemplo. Ou mesmo a vivência de alguém na agricultura e seu choque com os limites legais ambientais; ou o uso dos agrotóxicos, ou o uso dos transgênicos, ou mesmo os conflitos internos vividos pelos gestores ambientais, e assim por diante. Perguntamos pelo que nos incomoda e nos toca pessoalmente, não somente naquilo que

4 Associação para a Proteção da Mata Atlântica Nordeste, criada por um conjunto de entidades ambientalistas carreadas pela SOS Mata Atlântica.

5 Pelizzoli, 2011 e 2013.

racionalmente pensamos sobre o assunto, mas o que refletimos e criticamos devido ao fato de que fere valores pessoais, sociais ou ambientais nossos ou de alguém.

Neste sentido, podemos elencar na lousa o que significa o modo ético e correto de proceder para o assunto/dilema em questão, para cada um; se perceberá que, de cada resposta, decorrem outras questões latentes e implicações, muitas vezes pouco vistas na história e complexidade de um ato ou conflito considerado pontual. Esta questão tem a função não tanto de adotar um conceito de ética de cima para baixo, mas incitar à discussão e fazer perceber o quanto de dilemas e conflitos morais complexos surgem numa discussão, bem como quantas visões diferentes aparecem. Percebe-se que aparecem muitos mundos em jogo, muitos horizontes culturais e contextos familiares e sociais, além de psicológicos, que se esbatem; daqui já se pode começar a perceber que estamos num mesmo barco de problemas e desafios (sofrimentos), mais ainda em se falando da questão socioambiental.

Qual o papel do exemplo prático e da experiência ética na questão dos conflitos? A ética como teórica (como discurso, ou também como Lei) e a vida prática com suas sombras: como se dá esta relação ou esta dicotomia? Por que é tão grande esta dicotomia entre discurso ambiental e vida real, institucional? Há uma ética universal, para todos? Como perceber a dicotomia Certo X Errado enquanto luta entre o *meu* gueto X o *teu* gueto, o *Bem X Mal*? Como a moral pode ser um grande veneno excludente? Por que alguém deve ser ético? Como perceber o mal que projetamos no outro como nossa *Sombra*?

Aqui tocamos numa questão delicada da ética e dos conflitos, que é o mecanismo psicossocial da projeção sobre o outro, unida ao moralismo unilateral que encontra no outro, no diferente, no excluído, no rebelde, no que sofre preconceito, a origem e destinação do mal. O grupo é levado a perceber como pode estar arraigado em noções conservadoras de moral, calcadas em modelos religiosos que separam absolutamente o bem do mal, Deus e o Diabo. E ver como isso se coloca nas concepções de família e grupo que se protegem contra os outros - o estranho, diferente⁶.

A dinâmica espelho-Sombra. O Bode expiatório e a Ovelha negra

Para fazer perceber melhor o dilema acima, remetendo cada um a confrontar-se com sua própria *sombra* - os próprios defeitos sendo projetados para fora - criamos um pequeno exercício. Esta é uma dinâmica rápida onde pedimos ao participante para escrever numa folha três ou quatro características negativas que o incomodam (irritam) muito no comportamento de outra pessoa. Isso feito, as pessoas são convidadas a relatarem as coisas negativas que lhes transtornam no modo de ser de outra pessoa ou grupo. Ao tempo em que expressam, o facilitador vai até cada uma e cumprimenta-a apertando sua mão e dizendo “prazer em conhecer melhor este *seu* aspecto”. É um procedimento de surpresa e uma pequena confissão em grupo dos defeitos possivelmente escondidos e projetados.

Segundo C. G. Jung (1964), mas também Nietzsche, os comportamentos de outrem que irritam por demais ou “tiram fora do sério” alguém, têm duas implicações: a primeira, a própria pessoa tem aquela característica negativa mas a exerce em outro nível, em outra pessoa ou forma mitigada ou implícita; a segunda, a pessoa é tocada por aquele comportamento porque no fundo gostaria de fazer algo daquele tipo. Por exemplo: alguém muito tímido ficará incomodado com pessoas que ele considerará como espalhafatosas ou exibidas.

Tal dinâmica é novamente um convite à reflexão sobre como acusamos os outros daquilo que nós mesmos temos ou que já o fizemos, e como é difícil entender os outros; bem como, fica clara a necessidade de entrar um pouco em seu mundo para relacionar-se com propriedade. Uma das chaves de resolução dos conflitos é conseguir *colocar-se no lugar do outro*. No modelo meramente acusatório, em que preciso achar um culpado e um mal *tout court*, há riscos grandes de perder a dimensão sistêmica em que vivemos socialmente e como podemos estar implicados como sociedade e instituição no que consideramos o mal.

Trazemos neste momento a figura do *bode expiatório*, mostrando o caráter sacrificial dos grupos que quase sempre criam bodes para serem sacrificados (humilhados, culpados, tornados rebeldes, pano de fundo de fracassos, mágoas e neuroses dos grupos). Os grupos criam também *ovelhas negras*, indivíduos que são perseguidos e expulsos, ou que se colocam em função mesmo de rebeldia quanto à ordem estabelecida e as posições do grupo.

6 Cf. Pelizzoli, 2009.

Estes são exercícios que propiciam significativas tomadas de consciência de como funcionamos como indivíduo dentro de um grupo, e deste em relação a indivíduos isolados e a outros grupos.

Representação/dramatização de conflitos

Um dos pontos altos dos cursos é a representação teatral de situações de conflito trazidos pelo grupo. Sempre em círculo, traz-se a disposição de personagens na forma de confronto entre partes, que por afinidade se aproximam em grupos diferentes em disputa. Cada um é orientado a defender completamente o papel assumido. Em geral, usamos a seguinte configuração inicial: o papel de um Usineiro, empresário do ramo da cana, que inicia falando da importância social e econômica de seu trabalho para a sociedade, para o progresso da cidade e do país. Diante dele colocamos uma ecologista que defende a questão ambiental em áreas afetadas correlatas aos usineiros. Estimula-se o diálogo livre, mas dentro do que a função do personagem exigiria. Ao lado do usineiro colocamos um trabalhador especial, um tipo de “capataz de fazenda”, que tem sua família toda dependente daquele trabalho, e que tem a função de defender o patrão a todo custo. Ainda ao lado do usineiro, gradualmente, colocamos o prefeito da cidade da usina, defendendo os empregos, os impostos e a dependência da cidade ao “progresso”. São três homens (três autoridades) ou mais, contra uma pequena ecologista apenas. O facilitador pára por um momento a dramatização para mostrar que a questão ecológica se põe energeticamente e tradicionalmente mais ou menos deste modo, o princípio do feminino, e do novo, alternativo, contra o princípio do masculino, da tradição, do patriarcado, do desbravador (empresário...). Lutar ecologicamente é lutar também contra o *status quo*, contra uma tradição que se conserva e é presente na “mente” de todos. Isto torna mais difícil a mudança, pois há uma tradição que deve ser honrada, pelo menos em parte, pois fez(faz) parte de nossa vida.

Em determinado momento, é chamado um representante de instituição ambiental para ajudar a ecologista solitária. Em outro, é chamado um representante dos Sem-Terra para marcar a questão social em conexão com a ambiental, e acirrar o confronto de interesses e classes no debate. Em geral, a essa altura temos uma dramatização que “esquenta”, onde os personagens se animam e vão perdendo o medo inicial. Em seguida, colocamos um representante do Ibama ou de Secretarias ambientais locais. Ele se vê numa posição intermediária ou ambígua, pois ao mesmo tempo ele fica do lado do governo e do prefeito (e portanto, em geral, do empresário) mas também pode estar do lado da defesa da Unidade de Conservação e do entorno ambiental etc. Numa outra variação, é colocada a comunidade do entorno e sua relação com a UC, os conflitos surgidos na figura de um policial ambiental em conflito com comunidade de caçadores ou coletores na floresta.

O objetivo é sempre trazer à tona, encarnadamente, os conflitos vigentes, e ao mesmo tempo observar o conteúdo em disputa, mas ainda mais a forma como é conduzida a fala, a energia para a disputa, o tipo de palavras, as expressões do corpo, e as emoções surgidas. O modo como ocorre a comunicação e as relações é crucial para entender o fracasso da negociação, da mediação e das relações em geral. Outra variação é trazer conflitos internos dos grupos presentes (Ibama, ONGs, movimentos sociais X ONGs etc.). Por vezes, pode-se – desde que capacitado para tal – colocar elementos de constelações sistêmicas (modelo Bert Hellinger) para trazer o sentido de conflitos/dramas ocultos ou não falados nos grupos e na própria luta social e ambiental. Outro personagem frequente é um consumidor jovem urbano, que “não está nem aí” para questões sociais e ambientais, que não defende nada nem ninguém, apenas o seu consumo e prazer. É interessante perceber como ele se coloca ao mesmo tempo na dependência do sistema de produção e consumo e incide diretamente na problemática ambiental; também o fato de que devemos seguir na luta ambiental para além de se preocupar se muitas pessoas ou grupos nos acham estranhos, radicais ou não se importam com a destruição do planeta e das condições de vida das pessoas. Uma variante é colocar um jovem desanimado com tudo, niilista, para retratar talvez o que muitos sentem ou temem.

Um dos pontos altos da dinâmica é a *troca de papéis*. O usineiro passa, opostamente, a ser a ecologista e vice-versa. Todos trocam; e é surpreendente ver certas dificuldades na encarnação do novo papel, fato que revela mais uma vez que nos arraigamos a papéis determinados. O teatro imita a vida⁷. Os alunos são estimulados a pensar em como se congelam

7 A inspiração principal para esta dinâmica teatral que criamos vem de Augusto Boal, autor de *Teatro do Oprimido*.

não somente durante 30 ou 40 minutos numa identidade aferrada, mas por muitos anos, seguindo uma vida de conflitos pela não flexibilidade e não compreensão do Outro, do diferente.

Um dos desfechos frequentes da dinâmica propõe colocar a Unidade de Conservação Ambiental no centro do drama, inferindo como se sente, ou ainda a sua percepção quando olha para cada um dos personagens e suas funções e ações. Ao lado da floresta, colocamos representantes das comunidades tradicionais (indígena, negra...) numa conjunção para indicar a imbricação homem-natureza, para além do verdismo e romantismo conservacionista, e fazer sentir o peso daquilo que vem antes de nós no tempo, na opção preferencial pelo socioambiental - no sentido das populações tradicionais em conjunção com seus ambientes, a sustentabilidade. Por fim, todos os membros se unem numa roda no centro, com tendência ao abraço, ao passo que o facilitador conduz palavras de fechamento do tema e do destino comum e ameaçado em que todos estamos navegando, independentemente de credo, posição social ou política e institucional.

Nesta dinâmica, são vários os *conflitos* em jogo visualizados e encarnados: poderes hierarquizados, atritos políticos; os limites da Reserva Ambiental com muro X comunidade que invade o espaço. A Comunidade do entorno jogando lixo e tirando recursos contra o policiamento (“zona de amortecimento **Social**”). Os pescadores dentro do Mangue em área de proteção. Pessoas encontradas dentro da Unidade pelos guardas, como proceder? A questão da necessidade de sobrevivência; como plantar e ao mesmo tempo preservar. Animais domésticos que adentram na Reserva e são mortos (mas, que diferença moral há entre a vida de um animal raro e um doméstico?). O impacto do signifiante “IBAMA” para o empresário, para a Comunidade, para o sem-terra. O papel do poder político local; as incapacidades de ação. Os pleitos não escutados, as histórias de perseguição e efeitos de expulsões e mortes no campo, entre outros.

Tal representação encontra seu sentido ao ser esmiuçado e refletido fundamentalmente a partir da visualização de como (modo) ocorre o conflito, motivações e interesses por trás, a necessidade de lidar com a diferença e desníveis e disputas de empoderamento. Como fracassamos ou temos sucesso na conversação/negociação. É daí de dentro que trazemos dois pontos-chave para a capacidade de diálogo e inteligência emocional ou comunicacional: a Escuta e a capacidade de Pergunta/troca (o sentido da palavra *Dia* em *Dia-Logo*, fluxo de palavras explicitando o sentido de cada falante que busca fazer-se entender, tendo que, para isso, entender o outro, e assim buscar entendimento comum no tema ou litígio).

Os alunos que ficaram de fora da roda são convidados a falarem primeiro, dizendo o que viram acontecer e como aconteceu, e como fariam; que pontos aumentam os conflitos ou diminuem; como os falantes se comportavam; quais as interações de poder etc. Depois disso, os próprios personagens são convidados a falarem sua impressão, de si mesmos, dos outros e do modo como ocorrem as disputas⁸.

Apresentação da Comunicação Não-violenta

Dinâmica: lembrar o conflito vivido:

Antes de entrar na metodologia de compreensão e resolução de conflitos que escolhemos para estudar nestes cursos (a Comunicação Não-Violenta), o grupo é convidado a uma visualização que servirá para discussão mais real do processo a partir de três níveis: do Corpo (expressões, alterações, inquietudes, ações violentas ou não, energia vigente, sorriso, abraço etc.); da Fala (qualidade das falas, ofensas ou não, ironias, boicotes, gritos, indiferença, acidez, agressão etc.); e por fim das Emoções (raiva, medo, tristeza, frustração, alegria, indiferença etc). Primeiramente, pede-se para que visualizem um conflito negativo que tiveram, ou seja, um conflito doloroso, que ainda reverbera, não bem resolvido. Depois uma visualização de um conflito que tornou-se positivo, ou seja, com algum tipo de crescimento, aprendizado, “solução”. O sentido de tal prática é fazer perceber que no fundo sabemos por que fracassamos ou por que temos sucesso no confronto.

a) *Negativo*: Imaginemos uma conversa muito ruim que você teve, em que o diálogo fracassou fortemente. Que sentimentos são evocados daquele momento? Como era o tom da voz? Lembra

⁸ Uma obra inspiradora para dinâmicas com grupos na área ambiental é *Nossa vida como Gaia* de J. Macy, uma excelente referência para tal, unindo teoria e prática, como vivências de **ecopsicologia**.

do tipo de palavras ou expressão ? O que marcou ? O que você tentou fazer ?

b) *Positivo*: No segundo momento, depois da discussão sobre o negativo, imagine um conflito ou o mesmo conflito quando resulta em aprendizado, alguma solução, ou encontro, positividade. Como foi ? Por que deu certo ? O que você sentiu e compartilhou? Que tipo de palavras foi usado ? Como você ficou depois ? E o consenso como foi buscado?

Neste processo, as pessoas vão relatando não tanto os fatos específicos, mas cada um dos focos pedidos, em ordem, e o facilitador tem a tarefa de levantar mais perguntas a cada vez, mostrando o porquê do fracasso ou do sucesso no diálogo e na comunicação. O facilitador irá ajudar a elucidar a mecânica, a montagem e a continuidade ou dissolução do conflito a partir das emoções/atos/palavras que surgiram. Um monitor anota no quadro ou com a apresentação de *slides* os elementos trazidos pelo grupo. Nisso, vai também citando outros casos e mostrando meios que criam estratégias para o sucesso na mediação ou restauração de danos interpessoais.

Trazendo a teoria (C N V) (quadro-resumo)

Somente depois de feitas dinâmicas é que se pode apresentar o resumido esquema metodológico da CNV, por meio do conhecido quadro abaixo. Uma aula participativa pode ser dada em cima deste esquema sintético e útil, desde que se trabalhem casos ou experiências participativas do grupo.

COMO SE PODE USAR O MODELO CNV

Expressando <i>honestamente</i> como eu estou, sem queixa ou crítica	Acolhendo <i>com empatia</i> como o outro está, sem queixa ou crítica
OBSERVAÇÕES	
1. Expressando <i>honestamente</i> a ação concreta que eu estou observando (vendo, ouvindo, lembrando, imaginando) que está contribuindo ou não para meu bem-estar	1. Acolhendo <i>com empatia</i> a ação concreta que o outro está observando (vendo, ouvindo, lembrando, imaginando) que está contribuindo ou não para o bem-estar dele
Na prática: - dizer o que observo, sem julgar, sem fazer inferências, sem relacionar com outra situação; - não generalizar; - usar sempre EU	Na prática: - ouvir atentamente sem julgar, sem fazer inferências, sem relacionar com outra situação; - aclarar por meio de perguntas, pontos que não compreendeu bem
SENTIMENTOS	
2. Expressando <i>honestamente</i> como eu estou me sentindo com relação ao que observo	2. Acolhendo <i>com empatia</i> como o outro está se sentindo com relação ao que observa
Na prática: - usar a expressão “eu me sinto...” - relacionar meu sentimento às minhas próprias expectativas e não à ação do outro	Na prática: - usar a expressão “você se sente...” - ajudar a relacionar o sentimento do outro às expectativas dele e não à minha ação

NECESSIDADES	
3. Expressando <i>honestamente</i> a energia vital na forma de necessidades, valores, desejos, expectativas ou pensamentos que estão criando meus sentimentos	3. Acolhendo <i>com empatia</i> a energia vital na forma de necessidades, valores, desejos, expectativas ou pensamentos que estão criando os sentimentos do outro
Na prática: - nomear com clareza minhas próprias necessidades, sentimentos, valores, expectativas, etc.	Na prática: - confirmar com o outro sua verdadeira necessidade, sentimento, valores, expectativas, etc.
DEMANDAS	
4. Expressando <i>honestamente</i> , sem imposição, o que eu gostaria de receber do outro que melhoraria a minha vida	4. Acolhendo <i>com empatia</i> sem inferir imposição, o que o outro gostaria de receber de mim que melhoraria a sua vida
Na prática: - usar palavras, expressões e gestual de <i>solicitação</i> , nunca de comando, coação ou imposição (eu gostaria que; você poderia...)	Na prática: - acolher com interesse e confirmar a <i>solicitação</i> (você gostaria que eu...; você está me pedindo para...)

Creemos, baseados na experiência e na reflexão teórica, ser essa uma das mais bem elaboradas ferramentas para compreensão e resolução de conflitos, ou para evitar danos. Não é uma simples técnica de vencer em debates ou seduzir e convencer, como em processos de disputa negocial por exemplo, mas uma prática conectada com as expectativas relacionais, profissionais (grupo) e emocionais que as pessoas têm na experiência de vida social. A CNV tem permitido acessar necessidades humanas básicas para as pessoas e grupos, demonstrando que se desconhecemos pressupostos sociais relacionais básicos por trás das interações jamais entenderemos os fracassos, brigas, boicotes, relações minadas e violências em geral, bem como o modo de evitá-los ou ao menos diminuí-los.

A CNV parte do princípio de que mesmo que não possamos ceder em algum conteúdo ou coisa disputada, podemos proporcionar ao outro, ao interlocutor, uma exposição adequada, respeitosa e dialogal de sua posição e de sua pessoa, que sempre está em jogo num conflito. É fundamental compreender as necessidades em jogo, e como em cada frase podemos criar obstáculos no fluxo da interação. A apresentação teórica da CNV, contudo, não pode ser apenas colocação da teoria, mas a cada momento é necessário puxar exemplos vividos no grupo ou na dramatização ou de casos trazidos pelo professor e pelo grupo para que a reflexão teórica se encaixe em cada caso e prática⁹.

Cabe lembrar que os modelos de dinâmicas e de trabalho aqui relatados brevemente não são um esquema fixo; sofrem mudanças conforme o caso a tratar, conforme o escopo do curso ou da oficina. Veremos agora um outro modelo criado pelo autor e utilizado desde o ano de 2009 em cursos, aulas e oficinas, com ênfase também na dimensão socioambiental.

II - O modelo do círculo arquetípico-ecológico

O modelo pedagógico circular que descreverei brevemente serve tanto como um módulo de abertura e de introdução aos trabalhos com conflitos quanto um momento pedagógico de resgate da dimensão ambiental da subjetividade humana, remetendo ao nosso contato ou conflito primeiro, nomeado de ambiental. Antes de mais, é preciso olhar o pressuposto de que a relação primeira do humano descreve-se como *ser-no-mundo*, como ser de natureza, a ponto de perceber o sujeito como ser que brota do ambiente. Somos uma dimensão (especial) da natureza, mesmo

9 Cf. Pelizzoli, 2012.

que sendo essencialmente personalidades culturais e familiares. O acirramento da dicotomia entre natureza e cultura é o fulcro da grande queda da cultura ocidental, ou o *desenraizamento* de nosso ser natural, tendo como primeira grande marca o período de revolução Neolítica. Na verdade, é preciso remeter o *modus vivendi* permeado de conflitos negativos e crises de violências *interpessoais* ao modelo de relação violenta estabelecida igualmente com o que se chama de natureza. A primeira grande desordem é a que se faz com o corpo; corpo são *relações* naturais-culturais, mais além de ser o “meu” corpo, as quais funcionam dentro de uma ordem natural e familiar adequada. Se surge uma desordem neste Corpo, assim entendido, trata-se de uma desordem corpo-mental-cultural, uma desordem ambiental. Por conseguinte, estes são pressupostos; mas trata-se de estimular os participantes a resgatarem algo do que os compõem dentro desta harmonia desviada em sua relação com o que se chama de natureza.

Este modelo de círculo inicia com uma grande toalha circular no centro, tendo em geral quatro objetos nas extremidades: um recipiente transparente com água, uma vela (fogo), uma pedra (podendo ser um coral do mar; ou, então, um vaso com *terra*), e uma casinha de castanheira ou coco feita por indígenas (pode ser também um ninho/cachopa de marimondo ou algo coletivo semelhante)¹⁰. Ao centro há alguma semente grande, ou mesmo uma fruta com semente, ou então o vaso com terra e a semente em cima da terra. O que se convidará a perceber é que ali estão os elementos mais básicos e essenciais da vida, base para qualquer dimensão humana; de outro modo, trata-se da percepção do *crescimento* – sentido/orientação primeiro de qualquer ser vivo, sobre o que o sujeito colocará seus valores e liberdades e culturalidades próprias. A toalha e os elementos podem variar conforme a cultura local; no nordeste brasileiro, por exemplo, uso toalhas de renda de coco, frutas locais, bem como histórias que envolvem a cultura local.

É preciso remeter a quão antigo e básico na cultura humana é a dimensão dos 4 elementos. *Corporalmente*, a pedra e a terra correspondem à estrutura óssea e à musculatura; a respiração e espírito ao ar; a energia e calor corporal ao fogo, o sangue e fluídos à água. É estranho e lamentável ter de lembrar que os elementos de nosso corpo provêm/são natureza e retornam a ela. Todo desafio está no sentido/orientações quanto a uma vida harmônica neste curto intervalo de tempo de uma vida, a qual se configura como organismo e não máquina, sistemas dentro de sistemas maiores.

Por conseguinte, inicia-se a sensibilização a partir de cada elemento presente. Trata-se de perceber como a **água** compõe nossa vida, qual a importância da mesma, e como não se pode defini-la essencialmente como *H₂O*, pois esta é uma escrita científica restritiva e laboratorial. Trata-se, de modo vital, das diversas águas de uso, de que tenho cede, água das crises hídricas, dos impactos da poluição, mas também água do batismo, água arquetípica, água do prazer, do banho, da imersão. Na continuidade, trata-se de entrar numa *psicologia dos Elementos*, a saber, como cada elemento fala de um aspecto essencial da personalidade e do corpo. A *água*, por exemplo, liga-se à flexibilidade emocional e à capacidade de perceber as emoções, encharcar-se do que vem da fonte, de sensibilidade. Igualmente, a capacidade de entregar-se à vida, no sentido da diluir-se para depois haver regeneração; aí também, a busca de purificar-se¹¹. *No princípio de tudo haviam as águas*. No zodíaco, os signos de câncer, escorpião e peixes, são os chamados signos da família da água, os quais têm os aspectos emocionais mais acirrados no conjunto destes arquétipos antigos.

Por conseguinte, pergunta-se, no grupo, como este elemento está configurado na vida de cada um, tanto ecológica quanto psicologicamente? Como eu me relaciono e sinto os aspectos de água, mas também o que significa para mim a questão da água? Como eu percebo as emoções, como eu me deixo conduzir pela sensibilidade, como tenho flexibilidade com as pessoas, como

10 Uma das formas frequentes de iniciar este círculo é contar o Mito do Cuidado, vindo de Higino, retomando a força dos elementos arquetípicos que são descritos aqui no texto.

11 “As significações simbólicas da água podem reduzir-se a três temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação, centro de regeneração. As águas, massa indiferenciada, representa a *infinidade dos possíveis*, contém todo o virtual, informal, o germe dos germes, promessas de desenvolvimento mas também todas as ameaças de reabsorção. (...) retornar às origens, carregar-se de novo, num imenso reservatório de energia e nele beber uma força nova: fase passageira de regressão e desintegração, condicionando a fase progressiva de reintegração e regenerescência” (Chevalier, 1988, p. 15)

deixo passar e lavar o que ficou “sujo” nas minhas interações? Como posso superar a aridez com a suavidade e a fertilidade da água?

Com o elemento **pedra** (por vezes ele faz o papel do elemento terra, em outras ocasiões usa-se terra no conjunto, terra em vaso por exemplo), mostra-se o lado da firmeza, da solidez necessária para manter-se na vida; na pedra funda-se a casa; por baixo dos templos costuma haver a Pedra Fundamental – “pedro/*petrus* tu és pedra e aí fundo minha igreja”. A ideia de *fundamento* tem a ver com a estabilidade e base estrutural da pedra. Assim, a pergunta é: como está o meu aspecto/parte de estabilidade, de confiabilidade, como estruturo meus projetos em cima de bases sólidas de realização e valores? Qual a fé e que tipo de investimento coloco nas minhas ações e valores fundamentais? Com o elemento **terra**, há várias dimensões de resgate, como o estar aterrado, estar enraizado tanto corporal/ecologicamente quanto conectado ao húmus, terra fértil, a mesma raiz de *humildade*, como tenho os pés na terra e percepção da vida comum dos terráqueos? A terra na simbologia é um elemento receptivo, passivo, feminino, que se liga ao céu, seu oposto complementar; traz uma dimensão maternal, como se vê nas diversas “Mãe-Terra”. Ela recebe a chuva fecundante do céu, o sêmen, a semente e a sustenta para crescer; é a fecundadora dos seres que têm formas, é nutriz; todos saímos “do ventre da terra”¹². Da terra infere-se também o apego cultural e natural aos lugares em que nascemos, vivemos ou apreciamos; “a minha terra”, “gente da minha terra”, a terra natal, que me gerou. O elemento terra estará conectado especialmente com o último elemento da análise, a semente, levando em conta que a semente é um resultado também e depende dos quatro elementos fundamentais.

Com o elemento **ar**, temos o espírito, que “sopra onde quer”; é resgatada aqui a dimensão terrenal e ecológica ou imanente da ideia original de espírito: ar. Daí, etimologicamente, a palavra *pneuma*, *pneu*, vinda do grego, servindo tanto para espírito como para ar; em hebraico, a palavra *Ruah*, uma onomatopeia, que imita um sopro, e ao mesmo tempo significa espírito; em latim, *spiritus*, que está em espirro, em respiração, um sopro; em chinês, *Ki (Chi)* é sopro e espírito¹³. O ar é símbolo da dimensão de ligação do imanente com o transcendente, o mais sutil do que está dentro e que permeia a vida terrena e humana, a sutíliza na corporeidade e no húmus/terra fértil. Espírito é também cultura, inspiração para criar, para realizar, para ir além dos limites e dos 4 cantos da terra. Até o século XIX se nomeava Ciências do Espírito para falar das humanas e sociais. É um símbolo também da liberdade última que governa a vida, também como passagem, como sem limite, infinito. O sopro e a palavra tem também uma correspondência, que cria, “no princípio foi o verbo”. Na respiração tomamos e entregamos, renascemos e morrem, com o inspirar e o expirar; este processo dinâmico e constante está no centro da corporalidade (“psicorpo”) que somos. “Homem do espírito, renascer no espírito, espírito criador, espírito santo”: são metáforas e símbolos profundos do sopro vital essencial que atravessa a vida e a vida humana. A pergunta então é como tenho inspiração, o que me inspira, e como percebo o mais sutil? Como transcendo e me vejo livre para além de todas as determinações? Como vejo a abertura, criação e novidade da vida para além de nossos controles e expectativas? Como cultivo minha energia natural, como respiro, como introjeto a vida e entrego?

O simbolismo do **fogo** remete à transformação, que em geral passa por alguma purificação para renascer; igualmente, símbolo da luz contra as trevas, símbolo de calor, da *energia* externa e interna que move a vida. Passar pelo fogo é também passagem simbólica, destruir, queimar o que está ruim¹⁴. Com a psicologia do elemento fogo temos tanto a capacidade para energizar um projeto, uma ação, quanto incendiar, queimar, destruir, e renovar o que está precisando mudar. Pessoas com muito fogo têm grande capacidade para motivar, para ir a frente, romper e iniciar; de

12 Cf. Chevalier, p. 878 ss.

13 “Representa o mundo sutil, intermediário do céu e a terra, o mundo da expansão que, dizem os chineses, é insuflado pelo sopro (Ki) necessário à existência (...) símbolo sensível da vida invisível, móbil universal e purificador...” (Chevalier, p. 67)

14 O fogo é o símbolo divino essencial do Masdeísmo. A guarda do fogo sagrado é um costume que se estende da antiga Roma até Angkor. O símbolo do fogo purificador e regenerador ocorre do Ocidente ao Japão. A liturgia católica do fogo novo é celebrada na Páscoa. Há ainda as línguas de fogo de Pentecostes. (...) o fogo do cadinho interior... Os taoístas entravam no fogo para libertarem-se dos condicionamentos humanos, o que lembra Elias e seu carro de fogo. Além do mais, eles entram no fogo sem se queimar. (...) Tampouco podemos deixar de mencionar em todas as religiões o fogo dos ordálios. (...) *Atiço em mim a chama. Meu coração é a lareira, e a chama é o eu domado* (Buda). (Chevalier, p. 440-441)

igual modo, para combater e modificar. Igualmente, temos o fogo energético da paixão, da compaixão e do calor humano, que “queima de amor”¹⁵.

Numa das versões deste círculo, as pessoas recebem antecipadamente uma *semente*, para que no momento de análise do elemento terra, em que haverá um vaso largo, cada uma em seu momento introduzir a semente na terra relatando seu propósito ao grupo, seja ele cultivar um valor importante que está faltando, seja ele investir num projeto, seja cuidar de algo ou alguém, seja encaminhar ou resolver uma situação conflitante.

O ponto central da explanação dos símbolos e da psicologia dos elementos arquetípicos é a *semente* no meio da toalha/pano. O conceito de natureza provém de *natura, nascor, nascir*, portanto *nascor*. Traduz o conceito grego de *Physis*, brotar, nascer, daí *física*. A vida natural centra-se num constante nascer e morrer, e a semente é o sêmen, o que foi semeado na Mãe/Terra, tal como os seres vivos vieram de um ovo, de um ventre, de um núcleo, por fim, do ventre da Terra. Ali está também a vida humana, que imita os movimentos da natureza, e que vem envolucrada e contraída e se expande constantemente, buscando o seu Sol, buscando quebrar a casca, sair do útero, em meio a todos os desafios. *Nascer e morrer, dia e noite, diástole e sístole, inspiração e expiração, acordar e dormir, contração e expansão*. Somos o mesmo movimento, inclusive nas emoções, tristeza, medo e frio está na contração; alegria, raiva e calor na expansão, tal como estar só e estar acompanhado, tal como conflitar e pacificar, agressividade e tranquilidade. No momento da conversa sobre a semente, coloca-se também as sementes (existenciais) dos projetos, desejos, aquilo que cultivamos como valores e tentativas de realizações fundamentais, e o que elas significam para nós. Igualmente, como a semente tem uma boa e confiável Terra, como se permite molhar e sensibilizar pela água, como tem calor e energia para crescer (orientação básica da Vida), e como tem ar e respiração/inspiração e espírito para crescer e encontrar o sentido mais sutil.

Cabe dizer que os quatro elementos arquetípicos citados têm também seu contraposto, sua **sombra**. É preciso fazer as pessoas pensarem sobre isto, em termos de características por elas desenvolvidas, mostrando o outro lado da moeda de um suposto valor absoluto. Por exemplo, a pessoa com “muita água”, pode ser muito atingida pelas emoções, “sensível demais”, ou ter dificuldades para assentar nas dimensões racionais, mais firmes que a vida exige. A pessoa com “muita pedra”, tende a ser mais rígida, mais apegada à tradição, querendo dar estabilidade a todo custo às coisas, tendo portanto dificuldade para mudar, inovar. A pessoa de ar pode ser por demais solta das outras, igualmente sem estabilidade, volátil. A pessoa de fogo pode ser facilmente explosiva, pode ser fogo de palha, pode queimar a si e aos outros, pode ser “diabólica”. Note-se que todos estes elementos são presentes em nossos comportamentos, mas aqui são vistos apenas como ênfases dominantes ou papéis na vida dos sujeitos.

Depois da breve explicação de cada um dos pontos com essa psicologia dos elementos, tendo como base a pergunta citada (como está em nossa vida, corpo, relações, o conjunto de cada um dos aspectos ali espelhados?), entra o convite para o grupo fazer uma *meditação* silenciosa, sem necessariamente pensar sobre os elementos, apenas para repousar na respiração, na energia do corpo, na pulsação da vida do corpo, mas no cultivo do silêncio mental deixando os pensamentos chegarem e irem embora, sem apego, usando o foco da sensação da respiração, algo próximo do método de meditação *mindfulness*. A meditação também pode ser feita no início do círculo, conforme o grau de intimidade do grupo, e também a abertura para uma prática; mas na maioria das vezes é recomendado fazer a meditação depois da explicação dos símbolos, pois alguns podem não se sentir confortáveis ou ficar muito curiosos com aqueles objetos no meio da sala. A explicação e a consulta ao grupo sobre o sentido dos mesmos coloca todos a par do trabalho e das intenções do facilitador ou professor, tirando a estranheza dos símbolos. Igualmente, é preciso lembrar a importância e o uso constante dos *símbolos* na vida humana, sempre social e cultural.

15 O amor é a primeira hipótese científica para a reprodução do fogo, e antes de ser filho da madeira é filho do homem. O método da fricção surge como método natural. ...o homem chega a ele por sua própria natureza. Na verdade, o fogo surgiu em nós, inesperadamente, antes de ter sido arrebatado ao céu (Bachelard, apud Chevalier, p. 442)

Por fim

A experiência que tenho haurido com versões deste modelo circular simbólico há quase dez anos é a da abertura de possibilidades de percepção sobre a realidade que vivemos desde o foco central dos valores da existência humana em um ambiente vivo a que pertencemos. Uma retomada do ambiente a partir do mais próximo de nós, de nossos corpos e relações, dos elementos e da energia da vida que nos anima e faz crescer e seguir adiante. Retoma-se a metáfora de nosso ser-no-mundo cultural-natural desde uma mandala em que vislumbramos o sentido que vamos dando à nossa vida na Terra, às nossas sementes nesta caminhada tão abalada em suas raízes, tanto quanto carente da união entre as pessoas e destas com a chamada Natureza, de onde tudo provém e retorna.

Referências bibliográficas

- BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido*. RJ: Record, 2005.
- CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. RJ: José Olimpo, 1988. 996 págs.
- JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. RJ: Nova Fronteira, 1964.
- MACY, J. & BROWN, M. Y. *Nossa vida como Gaia*. RJ: Editora Gaia, 2004.
- PELIZZOLI, Marcelo L. *Homo ecologicus*. Caxias do Sul: EDUCS, 2011.
- _____. *Ética e meio ambiente*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- PELIZZOLI, Marcelo L. (org.) *Cultura de Paz – restauração e direitos*. Recife: Ed. da UFPE, 2010.
- _____. (org.) *Cultura de paz: alteridade em jogo*. Recife: Ed. da UFPE, 2009.
- _____. (org.) *Justiça Restaurativa: caminhos da pacificação social*. Caxias do Sul/Recife: EDUCS/EDUFPE, 2015.
- _____. “Fundamentos para a Restauração da Justiça”. In: *Cultura de paz – educação do novo tempo*. Recife: Ed. da UFPE, 2008.
- _____. “Círculos de Diálogo: Base restaurativa para a Justiça e os Direitos Humanos”. In: *Direitos humanos e políticas públicas*. Silva, Eduardo F., Gediél, José A. P., Trauczynski, Silvia C. Curitiba: Universidade Positivo, 2014.
- PELIZZOLI, Marcelo L. e Sayão, S. (orgs.) *Diálogo, mediação e práticas restaurativas - cultura de Paz*. Recife: Ed. da UFPE, 2012.
- PRANIS, K. & BOYES-WATSON, C. *No coração da esperança. Guia de práticas restaurativas*. Porto Alegre: TJE-RS/AJURIS, 2011.
- PRANIS, Kay. *Processos circulares*. SP: Palas Athena, 2012.
- ROSENBERG, Marshall. *Comunicação não-violenta*. São Paulo: Ágora, 2006.
- SHELDRAKE, Ruppert. *Seven experiments that could change the world*. Londres: Fourth Estate, 1994.
- www.curadores.com.br